

Lejeune de Oliveira, protagonista da Hidrobiologia no Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos)

Jose Mario d'Almeida
Claudia Alves d'Almeida

Resumo

O presente trabalho aborda a importância do Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos) no desenvolvimento da Hidrobiologia no Brasil, como também, a trajetória do médico e biólogo Lejeune Henriques Pacheco de Oliveira, como um dos protagonistas desta destacada área da Zoologia, em nosso país. Abordamos a sua trajetória profissional como pesquisador, professor e conferencista, salientando a importância de Lejeune de Oliveira como carcinólogo e planctólogo, exercendo as suas atividades na Estação de Hidrobiologia da Ilha do Pinheiro, na Baía de Guanabara, pertencente ao Instituto Oswaldo Cruz. Bem como, nos aprofundamos nos comentários sobre a sua atuação no estudo da degradação de ambientes aquáticos. Discorremos sobre as suas atividades no magistério, não só em Manguinhos, como também, em outras instituições de ensino superior, ressaltando a grande abrangência dos temas tratados nas suas aulas e palestras.

Palavras-chave: Hidrobiologia, Manguinhos, Lejeune de Oliveira.

Abstract

This paper discusses the importance of the Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos) in the development of Hydrobiology in Brazil, as well as the trajectory of the doctor and biologist Lejeune Henriques Pacheco de Oliveira, as one of the protagonists of this outstanding area of Zoology, in our country. We approach his professional trajectory as a researcher, professor and lecturer, emphasizing, within the research, the importance of Lejeune de Oliveira as carcinologist and plankologist, exercising his activities at the Estação de Hidrobiologia, Ilha do Pinheiro in the Guanabara Bay, belonging to the Institute Oswaldo Cruz. As well as, we delve deeper into the comments on its performance in the study of the degradation of aquatic environments. We discuss his activities in the teaching profession, not only in Manguinhos, but also in other higher education institutions, emphasizing the wide range of topics covered in his classes and lectures.

Keywords: Hydrobiology, Manguinhos, Lejeune de Oliveira.

INTRODUÇÃO

O Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos) sobressaiu-se no rol das grandes instituições científicas brasileiras, não só nas pesquisas biomédicas, como também, nas denominadas pesquisas básicas, como a Botânica e Zoologia. Para muitos dos pesquisadores da instituição, Manguinhos deveria ter se concentrado na área médica ou, então, na saúde pública, contudo o instituto enveredou, também, em pesquisas que se distanciaram dessas áreas. De acordo com o depoimento do pesquisador Mario Vianna Dias, dado ao Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), em Manguinhos a liberdade de escolha da pesquisa era muito respeitada:

Em Manguinhos, antigamente, uma situação maravilhosa era a liberdade de pesquisa. Podia-se fazer no laboratório realmente o que se quisesse, e havia muita crítica, por exemplo, ao fato de o professor Lauro Travassos estar estudando borboletas no Instituto Oswaldo Cruz. Achava-se que isso realmente não tinha sentido. Dizia-se que, “com tanta coisa séria, lá está o doutor Travassos estudando borboleta!” Mas essa liberdade era uma coisa maravilhosa. Não há a menor dúvida de que hoje em dia, em que esse romantismo, essa idade de ouro passou, a ciência tem que ser planejada.¹

De acordo com a Zoóloga Bertha Lutz (1894 – 1970), os estudos em Manguinhos, inicialmente eram voltados para as áreas médica e correlatas, como a zoologia médica, indispensável para a Medicina Tropical². Contudo, segundo a própria pesquisadora, naturalista do Museu Nacional, o “instituto sempre enveredou, na zoologia, pela área básica”, o que podemos observar tanto na Helmintologia, quanto na Entomologia. Para corroborar Berta Lutz, podemos destacar, em Manguinhos, a “Escola de Travassos”, dedicada a estudos básicos de Taxonomia. Os ensinamentos dessa destacada escola de Zoologia, tinham como principais características: experimentalismo no ensino, interesse aplicado, nacionalismo em ciência, dentre outras³. Contudo, mesmo com todo o reconhecimento mundial, a Escola de Travassos recebeu críticas, algumas, até mesmo contundentes, dentre elas, ressaltam-se a ausência de um enfoque evolucionista e o nacionalismo⁴. O Zoólogo Paulo Vanzolini (1924 – 2013), sempre mordaz em suas críticas, assim se referiu à Escola de Travassos e a Zoologia de Manguinhos:

No Instituto Biológico eu era uma espécie de segundo auxiliar de cachorro. Fazia o que me mandavam, mas o que mais me atraía eram os trabalhos sobre a evolução. Como aprendizagem de Zoologia foi muito ruim. A zoologia que se fazia lá era derivada da de Manguinhos, do Instituto Oswaldo Cruz, a pior zoologia do mundo. Quando fui para Harvard, nos Estados Unidos, me achando o fino, tive um choque cultural tão violento ao descobrir o que era a zoologia moderna, que quase desisti do projeto⁵.

¹ Mario Ulysses Viana Dias. *Mario Viana Dias (Depoimentos, 1977)*. Rio de Janeiro, CPDOC - Centro de Pesquisas e Documentação de História, 70 p, 2010. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/nav/historia/htmev_biografias.htm. Acesso em: setembro. 2019.

² Bertha Lutz. A Botânica no Instituto Oswaldo Cruz. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro*, 53, (1955), p.589-599.

³ José Mario d`Almeida. Contribuições de Lauro Travassos (1890 – 1970) para a Zoologia brasileira. *História da Ciência e Ensino, construindo interfaces*. 14, (2016), p. 88-99. em: <https://revistas.pucsp.br/hcensino/article/view/44860/32386>. Acesso em agosto de 2019.

⁴ George C.L.Zarur *A Arena Científica*, Campinas, SP. Autores Associados, 1994

⁵ Paulo Emílio Vanzolini. Vanzolini por Vanzolini. *Cadernos de História da Ciência*, São Paulo, 9, (n.1, 2013), p 186-244.

Berta Lutz, ainda se referindo às pesquisas realizadas em Manguinhos, distanciadas da área médica, faz menção aos estudos botânicos efetuados por seu pai, o cientista Adolpho Lutz (1855 – 1940), destacando-o como um dos precursores da Botânica no Instituto Oswaldo Cruz, ressaltando, dentre outros estudos, a confecção de um herbário (Herbário Lutz). É interessante ressaltar, que outros renomados pesquisadores de Manguinhos, também montaram herbários, dentre eles, Henrique Aragão (1879 – 1956) e Heráclito Souza Araújo (1886 – 1962), esses herbários encontram-se depositados na Divisão de Botânica Sistemática do Jardim Botânico do Rio de Janeiro⁶. Podemos ainda, nos referindo à Botânica em Manguinhos, citar outro destacado pesquisador, Henrique Pimenta Veloso, que foi chefe da seção de Ecologia e do Horto de Plantas Medicinais⁷, dentre as suas publicações, destaca-se o “Atlas Florestal do Brasil”⁸.

Em vista desse visível enveredamento do Instituto Oswaldo Cruz em pesquisas distanciadas da área médica, resolvemos estudar a importância do Instituto Oswaldo Cruz no desenvolvimento da Hidrobiologia no Brasil e a trajetória do pesquisador Lejeune de Oliveira, como um dos pioneiros desta área da Zoologia, em nosso país.

Hidrobiologia em Manguinhos

Inicialmente vamos esclarecer que o termo Hidrobiologia é mais adequado que Biologia Marinha, tendo em vista, que as pesquisas feitas pelo protagonista do nosso estudo, na Estação de Hidrobiologia da Ilha do Pinheiro eram mais abrangentes, não se referindo apenas ao mar, focando também algumas lagoas. De acordo com Souza⁹, Hidrobiologia se refere ao “estudo da vida de organismos que habitam o meio aquático, seja ele de água doce ou marinha”.

Para entendermos o surgimento da Hidrobiologia em Manguinhos, temos que nos reportar a 1912, quando o Ministério da Agricultura inaugurou e manteve durante 4 anos uma Estação de Biologia Marinha na Praia Vermelha na cidade do Rio de Janeiro (1912 – 1915)¹⁰. Este empreendimento, mesmo que efêmero, envolveu pesquisadores de renome, como Gomes de Faria, Henrique de Aragão, Marques da Cunha, Cesar Pinto e, representando o Museu Nacional, Alípio de Miranda Ribeiro e Carlos Moreira¹¹.

⁶ Ibid, Lutz (1955).

⁷ Olympio da Fonseca Filho *A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil*. Separata do Tomo II de “Oswaldo Cruz Monumenta Histórica”, São Paulo, Fundação ABIF; Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, (1974) 69 p.

⁸ Henrique Pimenta Veloso. *Atlas Florestal do Brasil*. Publicação do Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1966.

⁹ Patrícia Ferreira de Souza. *Hidrobiologia*. CEFET, Minas Gerais, (2014): 5, 73 p.

¹⁰ Aloysio Mello Leitão. Biologia Marinha no Brasil. *Revista de Biologia Marina*, Valparaiso, Chile, 4, (1948): 130, 130-134.

¹¹ Jaime L. Benchimol & Magali Romero de Sá. Crustacea collected by Adolpho Lutz in vicinity of Manguinhos, Editors` Note. *In: Adolpho Lutz: Other studies in Zoology*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 3 (2007): 121, book 4, 584 p.

Com a extinção da Estação pelo Ministério da Agricultura, em 1915, por falta de verba, o pessoal envolvido e o material foram transferidos para o recém criado Instituto de Manguinhos. Em Manguinhos, os pesquisadores passaram a se dedicar ao estudo de peixes venenosos e peçonhentos das costas brasileiras (1916 – 1919). Mesmo com o entusiasmo, dedicação e produção científica dos pesquisadores “oswaldianos”, o “embrião” de uma futura Estação de Hidrobiologia, por muitos anos manteve-se em “estivação”, até a gestão de Henrique Aragão, como Diretor do Instituto Oswaldo Cruz (1942 – 1949), quando renasceu a ideia da Estação de Hidrobiologia. Contudo, convém ressaltar que as pesquisas hidrobiológicas em Manguinhos foram protagonizadas, pioneiramente, por Stanislaus von Prowazek (1875 – 1915), estudando plâncton e protozoários parasitos de peixes (Prowazek, S. von. Contribuição para o conhecimento da fauna de protozoários do Brasil. Memórias do Instituto. Oswaldo Cruz, 1910, vol.2, no.2, p.149-158). É interessante destacar que o próprio Oswaldo Cruz, em 1910, envolveu-se com uma brilhante ideia de construir uma Estação de Biologia Marinha, contudo o empreendimento não foi executado¹². Outro importante cientista, no rol dos pioneiros da Biologia Marinha no Brasil, foi o zoólogo alemão Fritz Müller, contratado pelo Museu Nacional como “naturalista viajante” em 1876, todavia, foi dispensado com a chegada da república. Estudou a flora e fauna das costas da região sul¹³.

Conforme já foi abordado, a Hidrobiologia em Manguinhos teve na gestão de Henrique Aragão forte impulso, renascendo a ideia da criação da Estação de Hidrobiologia, a ser instalada em uma ilha da Baía de Guanabara, próxima ao Instituto, Ilha do Pinheiro que, desde a gestão de Carlos Chagas (1917 – 1934) abrigava uma colônia de macaco rhesus, utilizados em pesquisas, além de um biotério, um edifício e um aquário¹⁴. Henrique Aragão, em 1942, instalou na ilha 10 aquários e na segunda reestruturação, em 1947, a estação passou por profundas reformas, bem mais abrangentes¹⁵. Na figura 1 podemos observar o aproveitamento do espaço da Ilha do Pinheiro e a localização da Estação de Hidrobiologia.

¹² Ibid, Fonseca-Filho (1974).

¹³ Flávia Pacheco Alves de Souza. *Notas de um naturalista do sul do Brasil: Fritz Müller : história da ciência e contribuições para a biologia*. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC (2017): 475.

¹⁴ Lise Sedrez. A Estação Hidrobiológica da Ilha do Pinheiro: um Encontro de História Ambiental e História da Ciência na Baía de Guanabara. *Anais do Congresso Scientiarum Historia IV*, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia-HCTE / Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza/CCMN, (2011): 25, 756 p.

¹⁵ Ibid, Sedrez (2011, p.28).

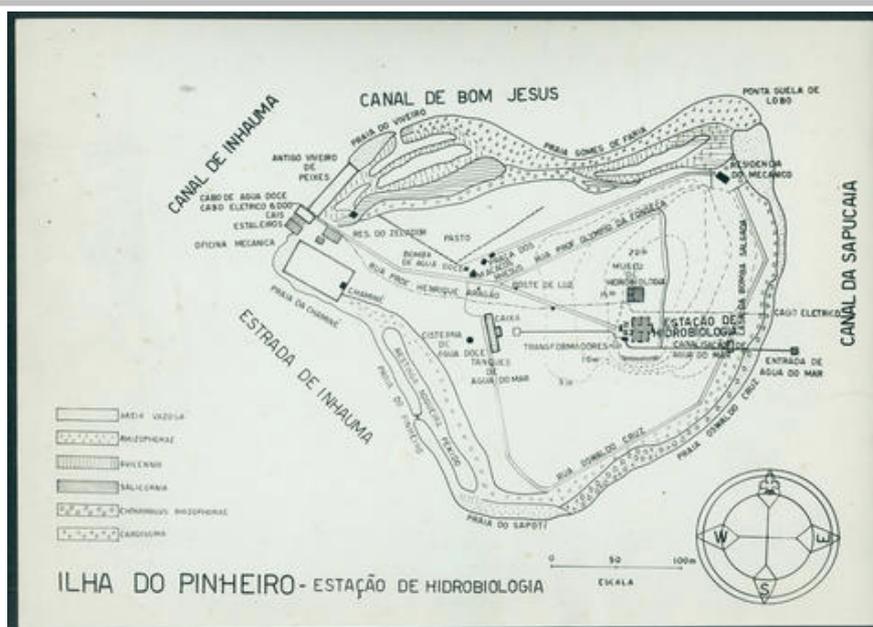


Fig. 1 – Mapa da Ilha do Pinheiro, Estação de Hidrobiologia, imagem obtida dos Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz, em 27/07/2020

Henrique Aragão e Olympio da Fonseca Filho (1895 – 1978), como diretores do Instituto Oswaldo Cruz, procuraram dotar a Estação de Hidrobiologia de recursos necessários para o bom funcionamento, inclusive com embarcações capazes de enfrentar desafios maiores em alto mar, além do mais, nessas gestões, foram convidados pesquisadores estrangeiros, altamente gabaritados, para desenvolver novas linhas de pesquisa em Hidrobiologia, como Pierre Drack da Faculdade de Ciências de Paris e Arni Friederikson da Comissão de Recursos do Mar da Islândia¹⁶.

Convém ressaltar a importância do médico e pesquisador João Carlos Pereira Penido na instalação da Estação de Hidrobiologia que, em visita ao Instituto Oceanográfico de Woods Hole em Nova York, em 1939, trouxe importantes projetos de aquários para serem usados no laboratório de Hidrobiologia na Ilha do Pinheiro. Na figura 2, podemos visualizar um dos aquários da Estação de Hidrobiologia. Dentre outros projetos, trazidos por João Carlos Penido, destaca-se uma comporta para uma restinga, destinada à criação de espécimes da flora e fauna da enseada. Mais tarde Penido participou dos estudos sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas, como também de outros de semelhante significância, como o da criação de camarões de água doce, denominados pitus¹⁷.

¹⁶ Ibid, Leitão (1948)

¹⁷ Lejeune de Oliveira. Dr. João Carlos Nogueira Penido (In Memoriam). *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, 58 (1960): 230, p. 229-231.



Fig. 2 – Aquário da Estação de Hidrobiologia da Ilha do Pinheiro, foto obtida dos Arquivos da Casa de Oswaldo Cruz, em 27/07/2020

Com a construção da cidade universitária, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o governo federal resolveu fazer aterramentos de várias ilhotas, formando um só bloco, denominado Ilha do Fundão, para onde, pelo projeto inicial, seriam transferidas as Faculdades do complexo UFRJ. Essa ilha resultante de aterramentos está separada do continente por um canal (Canal do Cunha), que por ter sido mal planejado, encontra-se, atualmente, em péssimas condições sanitárias¹⁸. Quanto à Ilha do Pinheiro, que também deveria ter feito parte do complexo da Ilha do Fundão, foi poupada, devido a manobras do Instituto Oswaldo Cruz, chegando mesmo a ameaçar a soltura dos macacos. Contudo, atualmente, a Ilha do Pinheiro foi aterrada e em seu lugar, encontramos um complexo de favelas denominado “Complexo da Maré”¹⁹.

Com a criação da Estação de Hidrobiologia, em 1942, pelo Diretor de Manguinhos, Henrique Aragão, os trabalhos do nosso personagem, também se intensificaram, ressaltando-se, porém, que já vinha estudando Hidrobiologia desde 1937²⁰.

Dados Biográficos de Lejeune Pacheco Henriques de Oliveira

A trajetória acadêmica do Dr. Lejeune de Oliveira (figura 3), como um dos precursores da Hidrobiologia no Brasil, incontestavelmente, está em grande parte associada a Estação de Hidrobiologia.

¹⁸ Ibid, Sedrez (2011).

¹⁹ Ibid

²⁰ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -08 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 08.



Fig. 3 – Lejeune Henriques Pacheco de Oliveira em seu laboratório, foto obtida do Boletim da Sociedade Brasileira de Limnologia, 2007, em fevereiro de 2020.

Lejeune Pacheco Henriques de Oliveira nasceu em 16 de novembro de 1915, em São Brás de Suaçuí, distante 109 km de Belo Horizonte, Minas Gerais, cidade com uma população de 3738 pessoas, segundo estimativas do IBGE²¹. Estudou no Grupo Escolar Afonso Pena em Belo Horizonte e cursou, em 1931, o Ginásio de São Bento no Rio de Janeiro, instituição de renomada tradição. Filho de Aristides Henrique de Oliveira e Naomi Silva Pacheco de Oliveira, formou-se em Medicina em 1938 pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Desquitado de Maria Helena Queiróz Santos de Oliveira em outubro de 1951, com quem teve um filho, José Carlos Santos de Oliveira. Casou-se com a bióloga Luiza Krau, que havia ingressado, na década de 1940, em Manguinhos e designada assistente de Lejeune na Estação de Hidrobiologia na Ilha do Pinheiro. Lejeune e Luiza tiveram uma filha, a engenheira civil Luiza Cristina Krau de Oliveira, também envolvida com gerenciamento ambiental e recursos hídricos. Após 40 anos dedicado à Hidrobiologia, faleceu no Rio de Janeiro em 22 de outubro de 1982, aos 67 anos, vitimado por um carcinoma pancreático. Encontra-se enterrado no Cemitério São Francisco de Xavier, no Rio de Janeiro²².

Trajatória Acadêmica de Lejeune de Oliveira

²¹ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo Demográfico, São Brás de Suaçuí, Minas Gerais, estimativas de 2019. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em agosto de 2019.

²² - Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC); **LO** – Fundo Lejeune de Oliveira; **VP** – grupo de documentos denominado **Vida Pessoal; 16** – número do documento.

Conforme já abordado, o nosso biologista²³ formou-se em Medicina em 1938, pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, atualmente Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o diploma registrado no Ministério da Educação e Saúde (MES), livro B, 4/12/1940, DNS. Folhas 379. 1^o 19, ofício 1959 de 20/12/1940; fiscalização do Exercício Profissional de 3/1/1941²⁴. O primeiro cargo exercido por Lejeune, ainda como estudante de medicina, foi o de auxiliar de herbário, ocupando a vaga do falecido Brasilino Garcia de Carvalho, junto à Cadeira de Parasitologia do Professor Olímpio da Fonseca Filho, no período de maio de 1935 a outubro de 1936, como também, em 1936 foi monitor da disciplina de Parasitologia²⁵.

Convém ressaltar que as faculdades de medicina, até a década de 1950, enfatizavam muito a Zoologia e Botânica nas suas grades curriculares. Posso até mesmo destacar, como ex-professor de Parasitologia Médica da UFRJ, que a Parasitologia constitui, historicamente, um “elo” entre a Medicina e a História Natural, em especial a Zoologia. Muitos estudantes, até meados do século XX, interessados em Zoologia, procuravam cursar Medicina. Paulo Vanzolini, conhecido e prestigiado Zoólogo (Herpetólogo), formado em Medicina, assim relata:

Um dos amigos de meu pai, professor universitário, com enorme influência na minha vida foi o André Dreyfus. Ele me fez estudar medicina e não biologia. No início da década de 1940, quando eu terminava o secundário, já queria ser zoólogo de vertebrados. Mas o Dreyfus disse: "Não venha para esta faculdade! De Filosofia. Não havia ciências, biologia, era História natural. O Ernst Marcus, que é professor de zoologia, não sabe de vertebrados. Vá para a Faculdade de Medicina, onde o curso básico é muito bom. Depois de formado, você vai para os Estados Unidos ou Inglaterra e faz o PhD." Foi o que fiz: fui para Harvard, nos Estados Unidos. Por ser formado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com o curso básico que eu tinha, dispensei metade dos créditos²⁶.

Lejeune de Oliveira, ainda como estudante da Faculdade de Medicina, no último período, frequentou o Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, o que na época era permitido aos alunos de Medicina e

²³ Lejeune de Oliveira, por trabalhar com Biologia, sem ter formação acadêmica de Biologia, deve ser denominado biologista, e não biólogo.

²⁴ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -08 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 08.

²⁵ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC 05 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 05.

²⁶ Ibid – Vanzolini (2013).

Veterinária²⁷. Esse curso era muito procurado pelos interessados em Ciências Biomédicas, tendo sido frequentado pela grande maioria dos pesquisadores de Manguinhos²⁸.

Embora o nosso personagem tenha se dedicado à Hidrobiologia, uma das primeiras atividades profissionais exercidas, foi no laboratório de análises clínicas do Serviço do Dr. Eurico Villela na 7ª Enfermaria do Hospital São Francisco de Assis, onde teve a oportunidade de patentear uma régua de cálculo para estudos hematológicos (patente: 21682)²⁹. Em 1938 ingressou no Instituto Oswaldo Cruz, como auxiliar técnico de 3ª classe, ainda como estudante de Medicina³⁰, um ano após, foi admitido como ajudante técnico de 5ª classe, na categoria de mensalista extra-numerário, com salário mensal de 900 mil réis, pelo prazo de 12 meses³¹.

Foi admitido em Manguinhos, como biólogo em 1941 e, em 1950, promovido a pesquisador, encarregado da Estação de Hidrobiologia que, em 1963, passou a fazer parte da Divisão de Zoologia, denominada Seção de Hidrobiologia, tendo como chefe Lejeune de Oliveira³². Em 1976, após 34 anos em Manguinhos, Lejeune requereu a sua aposentadoria, contudo, mesmo assim, não parou de trabalhar, se dedicando ao magistério e pesquisa, tanto em Manguinhos, como em outras instituições, destacando-se o Instituto de Biologia da UFRJ³³.

Lejeune de Oliveira no Magistério

A primeira atividade de Lejeune de Oliveira no magistério, embora que, em nível médio, foi em 1936, ainda como estudante de Medicina, em um curso denominado “complementar”, exigido para os postulantes a uma vaga no curso de Medicina³⁴. Oliveira ministrou aulas, como auxiliar de ensino, na Cadeira de História Natural do Prof. Olimpio da Fonseca Filho. É interessante, que se ressalte, que o nosso biólogo teve uma estreita ligação com o Professor Olimpio da Fonseca Filho, desde os tempos da

²⁷ Tânia Cremonini; Araújo-Jorge, Helene Santos Barbosa & Ricardo Oliveira. . *Uma Escola para a Ciência e a Saúde: 111 anos de Ensino no Instituto Oswaldo Cruz*. Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, (2012), 314 p.

²⁸ Ibid, d`Almeida (2016)

²⁹ Lejeune de Oliveira. A régua de cálculo para a hematologia. *O Hospital*, XLI, n.6, (1952), p. 916-929.

³⁰ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -05 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 05.

³¹ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -04 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 04.

³² Ibid.

³³ Luiza Krau. Lejeune Pacheco Henriques de Oliveira. *Boletim da Sociedade Brasileira de Limnologia*, 36, n. 2, (2007), p. 60.

³⁴ BRASIL, Decreto n. 21241 de 4 de abril de 1932, do Ministério da Educação e Saúde, cria o Curso Complementar, para os postulantes de vaga nas Faculdades de Direito e Medicina. Disponível em: <http://www.camara.gov.br>. Acesso em setembro de 2019.

Faculdade de Medicina, ainda como estudante, até no Instituto Oswaldo Cruz, como pesquisador³⁵. De acordo com o decreto 21242 de 1932, esses cursos complementares eram aplicados a determinados cursos universitários, como Direito e Medicina³⁶.

Lejeune iniciou as suas atividades no magistério superior em 1942, em Manguinhos, no Curso de Aplicação, como assistente da disciplina Bacteriologia especial, conforme a portaria 319 de 7/12/1942, publicada no Boletim de Pessoal 101 de 1942³⁷. No Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, ministrou aulas em várias disciplinas, contudo, a sua participação mais efetiva foi em Hidrobiologia e assuntos correlatos. Uma das primeiras disciplinas que lecionou neste curso, foi sobre algas e cogumelos, em 1949, (Portaria IOC 451)³⁸. As suas aulas abrangiam temas os mais variados, porém, ligados a Hidrobiologia, tais como Animais Marinhos Urticantes e Venenosos, Crustáceos, Vetores de Esquistosomose, Protozoários Parasitas de Peixes, o que nos permite evidenciar o ecletismo de Lejeune. É importante também ressaltar que, na década de 1960, abordou com muita intensidade, em suas aulas e palestras, a poluição e degradação de ambientes aquáticos, como baías (Baía de Guanabara e Sepetiba) e lagoas (Rodrigo de Freitas e Maricá)³⁹.

Além do magistério no Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, Lejeune também lecionou em outras instituições, destacando-se os cursos ministrados na Escola de Marinha Mercante, em 1962 e o Curso “Indicadores de Poluição de Águas” no Instituto de Engenharia Sanitária, em 1970. Podemos, também, reportar que o nosso médico biólogo foi professor de Limnologia do Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1973 a 1982, quando faleceu. De acordo com a Bióloga Luiza Krau, foi Lejeune de Oliveira quem introduziu a disciplina de Limnologia no Curso de Biologia da UFRJ, assim relata:

Em 1973 introduziu a disciplina de Limnologia no Instituto de Biologia da UFRJ, mas continuou atuando com suas pesquisas na Estação de Hidrobiologia (FIOCRUZ) até 1977, quando passou a se dedicar exclusivamente à essa disciplina na Universidade Federal do Rio de Janeiro – (UFRJ)⁴⁰.

³⁵ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -02 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 02.

³⁶ Ibid, Brasil (1932).

³⁷ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -04 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 04.

³⁸ Ibid

³⁹ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -11 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 11.

⁴⁰ Ibid, Krau (2007).

Também ministrou aulas de Limnologia para estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na década de 1970⁴¹.

Na fase ligada aos estudos de poluição e degradação de ambientes aquáticos (1960-1980), Lejeune de Oliveira proferiu palestras em importantes órgãos, tais como Petrobrás, Ministério das Relações Exteriores e Comissões criadas para avaliar a poluição, destacando a Baía de Guanabara e o recém criado Lago Paranoá em Brasília⁴².

Lejeune de Oliveira contribuiu decisivamente para a vida acadêmica de muitos professores e pesquisadores ligados a Hidrobiologia. No entanto, convém registrar que participou, como aluno, de dois cursos que foram fundamentais para a sua formação acadêmica, o primeiro deles foi ministrado em 1946 pelo Professor Pierre Danserau, ecólogo da Universidade de Montreal no Canadá. Ressalta-se que Lejeune adotou muitas das metodologias de Danserau no seu trabalho cotidiano, em especial nas excursões científicas⁴³. De acordo com Fernandes (2016, p. 6)⁴⁴, Pierre Danserau foi pioneiro no ensino de Biogeografia no Brasil, a sua vinda para o nosso país, em 1945, foi a convite de universidades brasileiras, para ministrar cursos e incrementar o estudo da Biogeografia, tendo sido lotado no Museu Nacional, como bolsista oficial do governo. O tema desse memorável curso foi “Os planos de Biogeografia”, que teve como coordenador o Botânico Fernando Segadas Vianna, do Museu Nacional. Esse evento ocorreu quando a Antropóloga Heloisa Alberto Torres era diretora do Museu Nacional.

De acordo com Luiza Krau, assistente e esposa de Lejeune, outro curso que foi deveras importante na sua formação acadêmica, foi ministrado pelo Professor Pierre Drach, vice diretor do Instituto de Biologia Marinha Roscoff na França⁴⁵. Segundo Krau (2007, p. 60)⁴⁶ o diretor do Instituto Oswaldo Cruz, em 1948, convidou o Professor Drach para ministrar um curso de 6 meses para cientistas brasileiros, em especial os “oswaldianos”, visando a introdução de novas técnicas para o estudo da vida marinha.

Excursões e viagens científicas com a participação de Lejeune de Oliveira

Tanto o Museu Nacional, criado em 1818, quanto o Instituto Oswaldo Cruz em 1910, se notabilizaram pelas viagens e excursões científicas, visando a coleta de espécimens para as coleções e o estudo de

⁴¹ Ibid.

⁴² Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -11 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 11.

⁴³ Bruno Fraga Fernandes. *A construção da memória ambiental e a consolidação da Ecologia no Brasil (1944 – 1976)*. Tese de Doutorado, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, (2016): 114, 201.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ibid, Krau (2007)

⁴⁶ Ibid.

doenças tropicais. Sobre a importância das expedições científicas, visando o enriquecimento das coleções, assim relata José Cândido de Melo Carvalho (1914 - 1994), zoólogo do Museu Nacional:

Um exemplo típico de um Museu Nacional de História Natural: em 1951, tive oportunidade de estudar os insetos hemípteros da família dos mirídeos da Coleção P.W. Lund, depositados no Museu de Copenhague. Entre eles, além de ter descrito um gênero (*Lundiella*) em homenagem ao ilustre sábio, encontrei um pequeno exemplar colecionado em Lagoa Santa (1847) por Reinhardt, quando ali estivera em visita a Lund, por ocasião da primeira viagem de circunavegação conhecida como Galathéa (1845 - 1847). Após peregrinar com o bichinho pelos museus europeus e americanos, só recentemente, 120 anos depois, pude batizá-los com *Eurotas reinhardti* n.sp. Esse fato permitiu conhecer antecedentes históricos, flora da região, associação geográfica com outras de Mato Grosso e Panamá, entre outras coisas⁴⁷.

As excursões eram consideradas como grandes eventos científicos, podendo-se ressaltar, no Instituto Oswaldo Cruz, as excursões organizadas pelo Zoólogo Lauro Travassos que contava também com a participação de naturalistas do Museu Nacional⁴⁸. Das viagens científicas, organizadas por cientistas de Manguinhos, com a participação de Lejeune de Oliveira, é interessante registrar, uma das primeiras, realizada em 1945, na costa do Estado do Rio de Janeiro, nas Baías de Ilha Grande e Sepetiba, a bordo do navio hidrográfico Lahmeyer, a convite da direção do Instituto Brasileiro de Oceanografia do Ministério da Marinha⁴⁹, nessa excursão, Lejeune procurou coletar plâncton. Passados dois anos, a bordo do mesmo navio, porém, com destino a Cabo Frio, coletou, novamente, o plâncton⁵⁰, demonstrando o seu comprometimento com o estudo do plâncton..

Com a vinda do professor francês Pièrre Drach, em 1948, a convite da direção do Instituto Oswaldo Cruz, foi realizada uma nova viagem científica, talvez uma das mais importantes para a formação dos hidrobiologistas brasileiros. Além de Lejeune de Oliveira, muitos pesquisadores participaram, sob a coordenação de Darch, destacando-se Gilberto Villela e Firmino Castro de Manguinhos; Alceu Lemos de Castro e José Lacerda de Araújo Feio do Museu Nacional; Aloysio de Mello Leitão e Milton Penna de Azevedo da Faculdade Nacional de Filosofia, atualmente o Instituto de Biologia da UFRJ e Michael Sawaya da Universidade de São Paulo. A viagem, a bordo do navio hidrográfico Rio Branco, durou 15 dias, indo de Arraial do Cabo na costa norte do Estado do Rio de Janeiro até Vitória no Espírito Santo,

⁴⁷ José Cândido de Melo Carvalho. Museu Nacional de História Natural. *Revista Brasileira de Zoologia*, 5, (1988), p. 633-635.

⁴⁸ Ibid, d`Almeida (2016)

⁴⁹ Lejeune de Oliveira. Estudos sobre o microplâncton capturado durante a viagem do navio hidrográfico Lahmeyer nas baías de Ilha Grande e Sepetiba. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 44, (1946), p. 441-488.

⁵⁰ Ibid,

visando demonstrar técnicas de coleta e estudo sistemático e biológico da fauna e flora marinhas⁵¹. Em junho de 1948, Lejeune voltou duas vezes à Baía de Ilha Grande, para a coleta de plâncton⁵².

Em 1950, a convite da Companhia Nacional de Álcalis, como consultor, o nosso personagem excursionou para Cabo Frio, para avaliar a impermeabilização de salinas⁵³. Ainda nesse mesmo ano, Lejeune foi para a Ilha de Trindade, a bordo do navio Baependi da Marinha, para estudar fauna e flora bentônicas⁵⁴. Convém ressaltar que nessa viagem foi acompanhado de renomados cientistas, como os professores Wladimir Basnard (1890 – 1960), do Instituto Oceanográfico de São Paulo e Capistrano de Raja Gabaglia (1904 – 1956), especialista em Oceanografia física e química. Também participou desta excursão o Capitão Paulo Moreira da Silva (1919 – 1983) da Divisão de Meteorologia Náutica, que mais tarde, já como Almirante, sob sua inspiração foi criada a Fundação de Estudos do Mar, com sede em Arraial do Cabo no Estado do Rio de Janeiro.

Lejeune de Oliveira pesquisou exaustivamente a Baía de Guanabara, não só a fauna e flora, como também, a sua degradação, decorrente da poluição, coletando e analisando amostras de diferentes pontos⁵⁵. Todavia, é interessante destacar, dentre as excursões à Baía de Guanabara, um viagem feita em 1950, para coleta de invertebrados marinhos, junto com o Professor Aloysio de Mello Leitão da Faculdade Nacional de Filosofia, à Ilha Seca, que faz parte do complexo de ilhas da Baía de Guanabara que, de longa data, encontra-se, como tantas outras, muito degradada, vítima da intensa poluição, fato constatado nessa época por Lejeune⁵⁶.

Dentre as muitas excursões científicas entre Manguinhos e o Museu Nacional, é interessante destacar uma delas, com a equipe do Botânico Fernando Segadas Vianna, do Museu Nacional, realizada em 1951, a Cabo Frio, onde foram coletados ricos exemplares de fauna e flora para coleções e estudos biológicos⁵⁷. Lejeune esteve em várias lagoas fluminenses, tais como, Piratininga e Itaipú⁵⁸; Saquarema⁵⁹; Maricá⁶⁰.

⁵¹ Lejeune de Oliveira. Relatório sobre as excursões científicas feitas a bordo do navio hidrográfico Rio Branco, sob a orientação do professor Pièrre Drach da Sorbone. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 47, (1949), p. 87-96.

⁵² Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -11 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 11.

⁵³ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; DP -11 - Grupo de arquivo denominado Docência e Pesquisa, documento 11.

⁵⁴ Lejeune de Oliveira. Nota prévia sobre a fauna e flora marinha bentônica da Ilha da Trindade, *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 49, (1951), p. 443-456.

⁵⁵ Lejeune de Oliveira. Levantamento biogeográfico da Baía de Guanabara. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 48, (1950), p. 363-391.

⁵⁶ Lejeune de Oliveira & Luiza Krau. Estudos aplicados a recuperação biológica da Baía de Guanabara. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 74, (1976), p. 99-145.

⁵⁷ COC – Arquivos da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação, Fundo Lejeune de Oliveira (LO). Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/lejeune-de-oliveira>. Acesso em julho de 2018.

⁵⁸ Lejeune de Oliveira. Estudo Hidrobiológico das lagoas de Piratininga e Itaipú. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 46, (1948), p. 673-718.

Constantemente, na cidade do Rio de Janeiro, os jornais publicam notícias sobre a mortandade de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas, daí nos parece interessante destacar que em 1956, Lejeune de Oliveira foi convidado pela Diretoria de Esgotos da então Prefeitura do Distrito Federal para avaliar a mortandade de Peixes da Lagoa Rodrigo de Freitas⁶¹. Ainda nesse mesmo ano, a convite do diretor da NOVACAP, firma criada pelo Presidente Juscelino Kubitschek para administrar a construção de Brasília, o nosso personagem foi incumbido de avaliar as lagoas próximas das obras, extremamente impactantes, como também analisar o Lago Paranoá, de extrema importância para a cidade em construção⁶².

Produção Científica de Lejeune de Oliveira

Quanto à produção científica do Dr. Lejeune Pacheco Henriques de Oliveira, vamos considerar apenas os artigos publicados em periódicos, apesar de reconhecermos a importância dos muitos relatórios de consultorias realizadas por Lejeune. Em nosso levantamento bibliográfico, efetuado no Fundo Lejeune de Oliveira da Casa de Oswaldo Cruz, destacamos setenta artigos publicados entre 1939 e 1979⁶³. Convém ressaltar que a maioria desses artigos, cinquenta e dois, foi publicada no periódico *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Lejeune publicou também em outras revistas nacionais, como a *Revista Brasileira de Biologia* (atualmente *Brazilian Journal of Biology*), *Revista Brasileira de Malariologia*, *Boletim Paulista de Oceanografia* e nas *Atas da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro*. Nos parece, que a produção bibliográfica do nosso personagem, possa ser classificada em 3 áreas distintas: Plânctologia, englobando os protozoários e as algas microscópicas; Zoologia de invertebrados, com a Sistemática e Biologia de animais aquáticos, prevalecendo os crustáceos, grupo do qual Lejeune foi um destacado especialista. A terceira área aborda a degradação de ambientes aquáticos (baías, lagos e lagoas), tendo sido priorizada a Baía de Guanabara, onde se localizava a Estação de Hidrobiologia, na Ilha do Pinheiro.

Sobre as excursões científicas, algumas delas resultaram em artigos, tais como: excursão feita sob a orientação do Professor francês Pièrre Drach⁶⁴; estudos sobre o microplâncton nas baías de Ilha Grande e

⁵⁹ Lejeune de Oliveira & Luiza Krau. Observações biogeográficas e hidrobiológicas sobre a Lagoa de Maricá. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 53, (1955), p. 171-262.

⁶⁰ Lejeune de Oliveira; Rubem Nascimento & Luiza Krau. Observações biogeográficas durante a abertura da Lagoa de Saquarema. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 53, (1955).

⁶¹ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -11 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 11.

⁶² Ibid

⁶³ COC – Arquivos da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação, Fundo Lejeune de Oliveira (LO). Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/lejeune-de-oliveira>. Acesso em julho de 2018

⁶⁴ Ibid, Oliveira (1949)

Sepetiba⁶⁵; dentre outros. Lejeune foi um dos pioneiros na aplicação da microscopia eletrônica no estudo de algas diatomáceas⁶⁶.

Convém ressaltar que o maior número de artigos que Lejeune de Oliveira publicou foi sobre crustáceos, não só em Taxonomia, onde descreveu 27 novas espécies⁶⁷, como também destacou-se no estudo da biologia desses invertebrados⁶⁸. Esses estudos, conforme já foi abordado, para a sua realização, foi imprescindível a estrutura da Estação de Hidrobiologia. Como carcinólogo⁶⁹, ressalta-se, dentre a sua obra, que foi autor de um catálogo de crustáceos da Baía de Guanabara⁷⁰, de grande utilidade para os especialistas. Também, chamou-nos a atenção o relato sobre a ocorrência de uma aranha do mar, da espécie *Libinia rostrata* Bell, 1835, existente no Oceano Pacífico na costa do Peru, capturada na Ilha do Pinheiro e identificada por Lejeune⁷¹ (figura 4).



⁶⁵ Ibid, Oliveira (1946)

⁶⁶ Lejeune de Oliveira & Hans Muth.. Microscopia eletrônica de seis Diatomaceas pleurosigma, com uma crítica do gênero (Naviculaceae, Bacillariophyceae). *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 58, (1960), p. 1-38.

⁶⁷ NEGLECTEDSCIENCE. Ciência negligenciada. Disponível em: <http://www.neglectedscience.com>. Acesso em janeiro de 2020.

⁶⁸ Ibid

⁶⁹ - Carcinólogo – zoólogo especializado no estudo dos crustáceos (siris, camarões, cracas, etc)

⁷⁰ Lejeune de Oliveira. Contribuição ao conhecimento dos crustáceos do Rio de Janeiro: catálogo dos crustáceos da Baía de Guanabara. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 35, (1940), p. 375-377.

⁷¹ Lejeune de Oliveira. Sobre a existência na baía do Rio de Janeiro de uma Aranha do Mar originária do Oceano Pacífico: *Libinia rostrata* Bell, 1835; Majidae, Decapoda. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 40, (1944), p. 87-90.

Fig. 4 - *Libinia rostrata* Bell, 1835, aranha do mar, identificada por Lejeune de Oliveira na Ilha do Pinheiro, Baía de Guanabara, imagem obtida de “Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 40(1), 1944”.

Muitas das pesquisas de Lejeune e de sua equipe, se relacionavam às condições ambientais da Ilha do Pinheiro, o que permitiu que esses pesquisadores, com esses dados, pudessem acompanhar a degradação intermitente da Baía de Guanabara. Dentre essas pesquisas, destacam-se as observações feitas na cisterna da ilha⁷²; o estudo de algas indicadoras de impacto ambiental na Enseada de Inhaúma⁷³; as modificações do plâncton na Enseada de Inhaúma antes e depois da poluição⁷⁴ (KRAU, 1958); estudos sobre o manguezal da Ilha do Pinheiro⁷⁵; observações sobre equinodermos⁷⁶; dentre outras. Encontramos também em sua obra um único artigo exaltando as memórias de um pesquisador, João Carlos Pereira Penido, que contribuiu decisivamente, conforme já abordamos, para a criação e desenvolvimento da Estação de Hidrobiologia⁷⁷.

Lejeune de Oliveira pesquisou impactos ambientais em ilhas, lagoas e lagos, resultantes do aumento da poluição. Alguns dos resultados dessas pesquisas foram publicados, como artigos científicos, em periódicos e outros permaneceram apenas como relatórios, entregues a direção do Instituto Oswaldo Cruz⁷⁸.

Em ordem cronológica, o primeiro deles, foi publicado em 1939, sobre a situação biológica da Lagoa Rodrigo de Freitas⁷⁹. Convém salientar, que até os dias de hoje, essa bela lagoa, situada no bairro com o mesmo nome, na zona sul da Cidade do Rio de Janeiro, continua sendo manchete de jornais. Em 2011, o Biólogo Mario Moscateli, entrevistado sobre a mortandade de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas, faz referência à preocupação do biólogo Lejeune de Oliveira com a situação da lagoa, na década de 1950⁸⁰. Outros artigos foram publicados sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas, tais como: “Observações

⁷² Lejeune de Oliveira, Luiza Krau & Rubem Nascimento. Observações hidrobiológicas na cisterna da Ilha do Pinheiro. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 51, (1953), p. 377-416.

⁷³ Lejeune de Oliveira. Águas com predominância de *Eutreptia lanowi* e *Chlamydomonas reinhardi* no plâncton, na enseada de Inhaúma, Baía de Guanabara. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 60, (1962), p. 13-19.

⁷⁴ Luiza Krau. Modificações no Plancton da enseada de Inhaúma, antes e depois da Poluição. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 56, (1958), p. 1-4.

⁷⁵ Lejeune de Oliveira & Luiza Krau. Levantamento biogeográfico da Baía de Guanabara: II Crescimento do manguezal na Ilha do Pinheiro. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 51, (1953), p. 502-524.

⁷⁶ Luiza Krau. Nova espécie de ouriço do mar, capturado na Baía de Sepetiba (Cassiduloidea: Echinoidea). *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 58, (1960), p. 157-160.

⁷⁷ Ibid, Oliveira (1960)

⁷⁸ Documento obtido do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC, 2019); LO – Fundo Lejeune de Oliveira; FC -11 - Grupo de arquivo denominado Formação e Administração da Carreira documento 11.

⁷⁹ Henrique de Beaurepaire de Aragão, João Carlos Penido, Mario Ferreira dos Santos & Lejeune de Oliveira. Relatório sobre a situação da Lagoa Rodrigo de Freitas sob o ponto de vista biológico. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 34, (1939), p. 457-471.

⁸⁰ Lagoa Rodrigo de Freitas, **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 2011.

hidrobiológicas e mortandade de peixes da Lagoa Rodrigo de Freitas⁸¹ e “Sobre a Lei da Concentração das lagoas e a sua aplicação no caso da Lagoa Rodrigo de Freitas”⁸². As suas publicações também se estenderam a outras lagoas, como Piratininga e Itaipú⁸³; Maricá⁸⁴; Saquarema⁸⁵ e Camorim⁸⁶. Também trabalhou com as condições hidrobiológicas de baías, como Sepetiba⁸⁷ e, exaustivamente, pesquisou a Baía de Guanabara, talvez até pela situação estratégica da Ilha do Pinheiro onde ficava a Estação de Hidrobiologia, dentre esses artigos, seria interessante destacar “Estudos aplicados à recuperação biológica da Baía de Guanabara”⁸⁸.

Lejeune de Oliveira, fazendo jus à toda a sua ecleticidade, publicou artigos sobre higiene alimentar, voltada para os “frutos do mar”⁸⁹, como também, hidrobiologia de interesse médico, abordando veiculadores da esquistossomose⁹⁰ e criadouros de mosquitos anofelinos, vetores da malária⁹¹.

Considerações finais

Ao longo do texto, procuramos discorrer sobre a importância do Instituto Oswaldo Cruz para o desenvolvimento da Hidrobiologia no Brasil, tendo o biólogo Lejeune Pacheco Henriques de Oliveira como seu protagonista. Abordamos as suas atividades como professor e pesquisador em Manguinhos, desenvolvendo as suas pesquisas na Estação de Hidrobiologia situada na Ilha do Pinheiro na Baía de Guanabara. Procuramos também relatar as expedições científicas que Lejeune de Oliveira participou. Com relação à sua obra bibliográfica, permitiu-nos classificá-la em 3 áreas, Planctologia, Zoologia de Invertebrados e Degradação de ambientes aquáticos, demonstrando, pois, a ecleticidade do seu trabalho. Como carcinólogo, descreveu 27 novas espécies de crustáceos, e publicou um catálogo de crustáceos da Baía de Guanabara.

⁸¹ Lejeune de Oliveira, Rubem Nascimento & Luiza Krau. Observações hidrobiológicas e mortandade de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 55, (1957), p. 211-271.

⁸² Lejeune de Oliveira. Sobre a lei da concentração das lagoas e sua aplicação no caso da Lagoa Rodrigo de Freitas. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 53, (1955), p. 263-276.

⁸³ Ibid, Oliveira (1948).

⁸⁴ Ibid, Oliveira, Nascimento & Krau (1955)

⁸⁵ Ibid, Oliveira & Krau (1955)

⁸⁶ Lejeune de Oliveira; Rubem Nascimento & Luiza Krau. Observações hidrobiológicas e mortandade de peixes na Lagoa de Camorim. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 57, (1959), p. 115-125.

⁸⁷ Lejeune de Oliveira. Prospecção hidrobiológica da Baía de Sepetiba. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 69, (1971), p. 1-29.

⁸⁸ Ibid, Oliveira & Krau (1976)

⁸⁹ Lejeune de Oliveira. Estudos de crustáceos comestíveis Uça e Guaiamú, Gecarcinidae, Brachyura. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 44, (1946), p. 295-322.

⁹⁰ Lejeune de Oliveira & Luiza Krau. Hidrobiologia geral, aplicada particularmente a veiculadores de esquistossomose: hipereutrofia, mal moderno das águas. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 68, (1970), p. 89-118.

⁹¹ Lejeune de Oliveira, Roberto Milward de Andrade & Rubem Nascimento. Contribuição ao estudo hidrobiológico dos criadouros do *Anopheles tarsimaculatus* Goeldi, 1905 (= *Anopheles aquasalis* Curry, 1932) na Baixada. *Revista Brasileira de Malariologia*, 3, (1951), p. 153-248.

No entanto, não enfatizamos, com a devida abrangência, a importância da pesquisadora e sua companheira Luiza Krau na obra de Lejeune de Oliveira. Acreditamos ser importante ressaltar que, Manguinhos contrariando premissas de muitas instituições, que condenam o trabalho de casais no mesmo laboratório, deu provas, irrefutáveis, que essas preocupações não correspondem com a realidade, tendo como exemplo o casal Luiza e Lejeune.

Esperamos ter demonstrado, com o presente trabalho, a importância do Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos), como instituição pioneira, em mais uma das áreas científicas básicas no Brasil, bem como, a importância do médico e biólogo Lejeune Henriques Pacheco de Oliveira no desenvolvimento da Hidrobiologia, em uma época que os postulantes a cientistas, interessados em pesquisas biológicas, tinham como uma das poucas opções, cursar Medicina. Contudo, esperamos ter esclarecido que esses médicos, que se tornaram zoólogos e botânicos, contribuíram enormemente para o desenvolvimento científico do Brasil.

SOBRE OS AUTORES:

Jose Mario d`Almeida

Departamento de Biologia Geral
Instituto de Biologia
Universidade Federal Fluminense
jmariodalmeida@hotmail.com

Claudia Mario d`Almeida

Doutoranda do Programa de História da Ciência e Saúde, Fiocruz
Diretora de Escola do Município do Rio de Janeiro
claudiaalvesdalmeida@yahoo.com.br

Artigo recebido em 03 de dezembro de 2020
Aceito para publicação em 18 de maio de 2021